

PSICOPEDAGOGIA: UM OLHAR SOBRE OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E SUAS DIFICULDADES

PSYCHOPEDAGOGY: A LOOK AT LEARNING PROCESSES AND THEIR DIFFICULTIES

Jakson José Gomes de Oliveira

Doutor em psicologia Social
Universidade Federal do Pará (UFPA)

E-mail: jaksonoliveira@ufpa.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-4757-8737>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2931232663247149>

Ana Lúcia Almeida de Oliveira

Mestra em Linguagens e Saberes na Amazônia
SEMED-ATM

E-mail: Luciaufpa2014@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2066-6128>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7524422187415745>

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal investigar o papel do psicopedagogo na identificação e intervenção em dificuldades de aprendizagem. Especificamente, busca-se compreender os fundamentos da psicopedagogia, as diferentes formas de intervenção psicopedagógica e os principais fatores que dificultam o processo de aprendizagem. A pesquisa, de natureza descritiva e exploratória, baseia-se em uma revisão bibliográfica abrangente, que inclui obras de autores como Grassi, Lopes, Lakomy, Goulart, Martins e Mendonça. A análise dos dados permitiu identificar que o psicopedagogo atua tanto em nível clínico quanto institucional, realizando diagnósticos e propondo intervenções multidisciplinares para otimizar o processo de ensino-aprendizagem. A estrutura do trabalho aborda tópicos como a introdução à psicopedagogia, a avaliação psicopedagógica, as oficinas psicopedagógicas, a relação entre fatores emocionais e dificuldades de aprendizagem, e a conclusão diagnóstica. Os resultados da pesquisa evidenciam a importância do psicopedagogo como profissional capaz de auxiliar alunos com dificuldades de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento de suas potencialidades e o sucesso escolar.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Dificuldades de aprendizagem. Intervenção psicopedagógica. Avaliação psicopedagógica.

ABSTRACT: The main aim of this study is to investigate the role of the psychopedagogue in identifying and intervening in learning difficulties. Specifically, it seeks to understand the foundations of psychopedagogy, the different forms of psychopedagogical intervention and the main factors that hinder the learning process. The research, descriptive and exploratory in nature, is based on a comprehensive bibliographical review, which includes works by authors such as Grassi, Lopes, Lakomy, Goulart, Martins and Mendonça. The analysis of the data allowed us to identify that the psychopedagogue works at both a clinical and institutional level, making diagnoses and proposing multidisciplinary interventions to optimize the teaching-learning process. The structure of the work covers topics such as an introduction to psychopedagogy, psychopedagogical assessment, psychopedagogical workshops, the relationship between emotional factors and learning difficulties, and the diagnostic conclusion. The results of the research show the importance of the psychopedagogue as a professional capable of helping students with learning difficulties, promoting the development of their potential and school success.

Keywords: Psychopedagogy. Learning difficulties. Psychopedagogical intervention. Psychopedagogical assessment.

1 INTRODUÇÃO

As dificuldades de aprendizagem, além de impactar o desempenho escolar, podem afetar a autoestima, o desenvolvimento social e as perspectivas futuras dos indivíduos. Diante desse cenário complexo, a psicopedagogia tem se consolidado como uma área fundamental para compreender e intervir nos processos de aprendizagem, buscando promover a inclusão e o sucesso escolar de todos os alunos.

Este estudo tem como objetivo principal analisar como o psicopedagogo atua na identificação e intervenção em dificuldades de aprendizagem específicas da leitura e da escrita em crianças do ensino fundamental. Busca-se compreender os fundamentos teóricos da psicopedagogia, as diferentes abordagens de intervenção e os fatores que influenciam a eficácia dessas intervenções. A pergunta que norteia esta pesquisa é: Quais são as principais estratégias utilizadas por psicopedagogos para superar as dificuldades de leitura e escrita em crianças do ensino fundamental e quais os resultados obtidos com essas intervenções?

A relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar o conhecimento sobre as práticas psicopedagógicas mais eficazes para o tratamento das dificuldades de leitura e escrita, contribuindo para a formação de profissionais mais qualificados e para a implementação de políticas públicas que promovam a inclusão escolar.

Os resultados esperados com esta pesquisa poderão contribuir para o aprimoramento das práticas psicopedagógicas, oferecendo subsídios para a elaboração de protocolos de intervenção mais eficazes e para a formação continuada de psicopedagogos, visando a promoção de uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

Quanto à estrutura: Primeiramente apresenta-se a introdução da pesquisa, por conseguinte o trabalho foi dividido tópicos, Uma breve introdução da psicopedagogia; Conceito de Avaliação em Psicopedagogia; Análise dos Resultados – A Conclusão Diagnóstica; Oficinas Psicopedagógicas; Avaliação Psicopedagógica; Fatores Emocionais e as Dificuldades de Aprendizagem, por fim as Conclusões da pesquisa e Referências.

2 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, com o objetivo de compreender o papel do psicopedagogo na identificação e intervenção em dificuldades de aprendizagem. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente de artigos científicos e livros especializados, além da análise de estudos de caso de crianças com dificuldades de leitura e escrita.

A escolha do método hermenêutico-dialético, proposto por Minayo (2014), justifica-se pela necessidade de compreender os significados atribuídos pelos atores sociais envolvidos no processo de aprendizagem, buscando identificar os núcleos contraditórios e as relações de poder presentes nesse

contexto. Essa abordagem permite uma análise aprofundada e contextualizada dos dados, contribuindo para a construção de um conhecimento mais rico e complexo sobre o tema.

A revisão bibliográfica foi realizada por meio de uma busca sistemática em bases de dados acadêmicas, utilizando descritores como "psicopedagogia", "dificuldades de aprendizagem", "intervenção" e "avaliação". Os estudos de caso foram selecionados em clínicas psicopedagógicas da região, com base em critérios como tipo de dificuldade de aprendizagem, faixa etária e tempo de acompanhamento.

A análise dos dados envolveu a identificação de categorias temáticas, a partir das quais foram construídas as interpretações. A triangulação dos dados, obtidos tanto da revisão bibliográfica quanto dos estudos de caso, permitiu uma maior confiabilidade dos resultados e a construção de um quadro mais completo sobre o papel do psicopedagogo.

A utilização desse método permitiu aprofundar a compreensão sobre a complexidade das dificuldades de aprendizagem e a importância da atuação do psicopedagogo nesse contexto. Contudo, os resultados da pesquisa contribuem para o avanço do conhecimento na área da psicopedagogia e podem subsidiar a elaboração de novas práticas e políticas públicas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PSICOPEDAGOGIA UMA BREVE INTRODUÇÃO

O psicopedagogo é um profissional de área de educação. Sua função específica é atuar sobre as dificuldades de aprendizagem, para tanto precisa compreendê-las, a partir das teorias da aprendizagem. O psicopedagogo tem uma atuação multidisciplinar, uma vez que esse nunca atua sozinho. Uma equipe que seja capaz de auxiliar o educando em suas dificuldades deve ser formado por vários profissionais como: psicólogo, fonoaudiólogo, pedagogo, neurologista, dentre outros.

O psicopedagogo poderá atuar clinicamente ou institucionalmente à atuação clínica pressupõe uma ação e interação sobre o indivíduo, ou grupos de indivíduos. A atuação institucional pressupõe recair sobre os sujeitos institucionais, equipe de trabalho, professores etc. A fim de favorecer uma melhoria das estratégias de ensino, treinamento ou qualquer forma de intervenção educacional. Segundo Grassi (2006) tanto a psicopedagogia clínica como a institucional pode ocorrer no mesmo espaço.

Pode-se observar conforme aponta Grassi (2006) que os espaços se repetem o que muda, é o enfoque na atuação. Em uma escola a atuação clínica do psicopedagogo se daria com um aluno, ou grupos de alunos, já uma atuação institucional se daria com os professores a fim de estabelecer estratégia de ensino mais eficazes e agradáveis, ou ainda direcionar e propor a revisão do Projeto Político Pedagógico (PPP) e/ou Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE), mas nunca sozinho, sua atitude será multidisciplinar, e envolvera todos os profissionais da escola.

Quanto à forma de atuação esta poderá ser preventiva ou terapêutica. Martins (2006) assinala que o

psicopedagogo elabora diagnostico realiza intervenções durante o trabalho com esforço na aprendizagem. De posse desses diagnostico o psicopedagogo pode levar a criança a integra-se a vida escolar normalmente, o que recai sobre um trabalho terapêutico.

3.2 FUNDAMENTOS DA PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia nasceu de uma necessidade da pedagogia e psicologia em atuar na ação preventiva e corretiva. Nos estudos recentes, resultado da articulação de diversas disciplinas, busca-se novos caminhos para solucionar problemas antigos, é inerente o compromisso em transformar a realidade escolar a partir da compreensão do processo ensino-aprendizagem.

A psicopedagogia juntamente com outras áreas do conhecimento pode resolver problemas de aprendizagem, cabendo assim ao psicopedagogo estabelecer vinculo positivo com o aprendiz, resgatando o prazer de aprender. Tendo assim um olhar sem preconceito, estando sempre na escuta atenta, indo além das evidencias já observadas pela família e, pelo professor em sala de aula. Deve-se proporcionar um espaço de confiança, criativo lúdico ao trabalho atuando assim atingir-se-á uma educação mais integradora do fenômeno da aprendizagem e, uma atuação mais preventiva do que corretiva.

Para Martins (2006) com relação aos instrumentos a serem utilizados na psicopedagogia é preciso afirmar que estes não são limitados, mas em geral são: jogos, brincadeiras, dinâmicas de grupo, e demais recursos didáticos que venham trazer ludicidade ao ato educativo. Assim por exemplo uma atuação terapêutica em psicopedagogia pode recair sobre um grupo de alunos, podendo se adotar brincadeiras, jogos educativos, sempre partido da perspectiva anteriormente citadas: “resgatar o prazer de aprender”. Na forma preventiva podem-se adotar as mesmas brincadeiras, jogos, a fim de evitar que se criem obstáculos educacionais.

3.3 TEORIAS DA APRENDIZAGEM

Dada a natureza do presente estudo ficaria cansativo, ainda que apropriado, rever todas as principais teorias da aprendizagem. É necessário centrar-se no foco principal do estudo, já estabelecido no projeto, assim, neste tópico serão abordadas as teorias da aprendizagem que se orientam por um viés construtivista. Entre os principais teóricos desta linha citam-se segundo Lakomy (2003) Piaget, com sua teoria psicogenética do conhecimento e Vygotsky com a teoria sócio interacionista.

É muito comum vários autores ao abordarem a teoria psicogenética do conhecimento se deterem nas fases de desenvolvimento cognitivo construídos por Piaget. Tão importante quanto conhecer estas fases, é, conhecer como se dá a gênese do conhecimento; em outras palavras como os sujeitos (crianças/alunos) aprendem – daí o nome teoria psicogenética, não tendo qualquer relação com a ciência genética -. Em seus estudos Piaget concluiu que há quatro fatores responsáveis pela aprendizagem: a) o fator biológico; b) fator

ação, ou seja, a experiência adquirida na ação sobre objetos; c) as interações sociais, em especial as educacionais; d) o fator das equilibrações internas.

Segundo Lakomy (2003) para Piaget o homem participa ativamente no processo de construção do conhecimento: seja na ação direta sobre os objetos, seja nas inter-relações sociais. O ato de aprender envolve intensa atividade, ainda que interna e não visível aos olhos, por exemplo: ao resolver um problema de matemática a criança executa atividades mentais. A aprendizagem se dá por uma sucessão de estados equilíbrio – desequilíbrio – equilíbrio majorante, assim ao lidar com problemas de adição (o que já envolve esquemas de ação) a criança se utiliza de seus conhecimentos, se ela já domina esta operação matemática, está em estado de equilíbrio, ao ensinar-lhe a operação da multiplicação a criança cometerá erros no início, pois seus conhecimentos (esquemas de ação) não são suficientes, na medida em que ela for capaz de resolver cálculos de multiplicação ela entrará em novo estado de equilíbrio superior, denominado equilíbrio majorante.

Outra teoria muito importante para compreensão da aprendizagem humana e a teoria sociointeracionista. No bojo desta teorização encontramos algumas semelhanças a abordagem psicogenética, uma vez que ambas apontam a interação entre fatores biológicos e fatores sociais como imprescindíveis no processo de aprendizagem humana. Talvez o que mais diferencie Vygotsky de Piaget na visão de Lakomy (2003) seja a ênfase que o primeiro dá às relações sociais e a língua no processo de aprendizagem. É possível entender essas diferenças se olharmos para as bases filosóficas e históricas que norteiam a produção teoria de Vygotsky.

Os principais temas pesquisados por Vygotsky segundo Lakomy (2003) foram: a linguagem; desenvolvimento e aprendizagem; e desenvolvimento proximal. No tocante a linguagem foi efetuada por ele importantes observações, as quais o levaram a crer que o desenvolvimento social da criança está inter-relacionado ao desenvolvimento da linguagem, a criança ao interagir com o meio utiliza-se da linguagem, assim como das pernas, braços e olhos.

No tocante ao desenvolvimento e aprendizagem Vygotsky admitia que estas ocorressem por processos distintos, contudo, ressaltava que ambos estavam inter-relacionados. O desenvolvimento está ligado a própria maturação do indivíduo, a aprendizagem se efetuará no âmbito social, nas relações com o meio, entretanto a aprendizagem pode impulsionar o desenvolvimento e está na base da aprendizagem.

Conforme Lakomy (2003) Vygotsky observou ainda que nem todas as crianças de uma mesma faixa etária, em contato com o mesmo professor, aprendem da mesma forma. Elaborou então o conceito de “desenvolvimento proximal”, onde se justifica a disparidade entre a capacidade de aprender de crianças de mesma faixa etária, pelo mesmo estágio de desenvolvimento em que estas se encontram.

3.4 CONCEITO DE AVALIAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

Em psicopedagogia avaliar significa investigar, ou seja, investigar as causas de uma não aprendizagem (ou dificuldades de aprendizagem) enfrentadas por um sujeito aprendiz (aluno). Note-se que o termo avaliar foi definido a partir e investigar, haja vista, a avaliação proposta e psicopedagogia diferem daquela empregada no ambiente escolar, haja vista que na avaliação / investigação psicopedagogia será utilizada um aporte teórico pautado na psicologia da educação e na teoria psicogenética, alicerçada por recursos de avaliação inerentes ao ofício do psicopedagogo, e, de uso incomum na escola. Como produto da avaliação psicopedagogia, ou conclusão diagnóstica frequentemente estes termos são usados como sinônimos, onde um quando empregado suprime e subtende o outro. Vejamos o Shiderlene Lopes tem a nos informar acerca do trabalho psicopedagógico:

Ao final do processo de avaliação psicopedagógica clínica, o psicopedagogo, certamente deverá já ter uma visão geral acerca do sujeito de sua avaliação. Dito de outra forma, o psicopedagogo terá que ter Claro o que vem acontecendo com o avaliando do ponto de vista de sua aprendizagem e seus intervenientes. Para tanto faz-se necessário que, neste momento, o psicopedagogo reúna os dados coletados, analise-os e elabore sua conclusão diagnóstica. (LOPES, 2004 p.39).

O psicopedagogo clínico sempre parte de uma reclamação, ou seja, uma queixa, sobre algo que não vai bem com o sujeito aprendiz (criança, adolescente ou adulto). A queixa pode partir dos familiares, responsáveis, do professor (escola), ou do próprio sujeito aprendiz.

Note-se que neste caso a intervenção é de caráter terapêutico e não preventivo. Assim na intervenção terapêutica o processo de avaliação se inicia mediante a apresentação de uma queixa, no entanto o psicopedagogo deve estar atento a dois parâmetros: a queixa da família; e a queixa da escola. Estas duas queixas por vezes podem diferir entre si. Depois de registrada a queixa no decorrer do processo avaliativo é preciso averiguar se as queixas procedem, pois podem se limitar a rotular sujeito aprendiz, seja pela família, seja pela escola.

Em psicopedagogia três aspectos devem ser levados em consideração:

- Pedagógico;
- Cognitivo;
- Afetivo – Social.

Ao se propor investigar aspecto pedagógico do sujeito aprendiz centra-se o enfoque no seu desempenho escolar, no que realmente sabe fazer, em como vai ser seu rendimento escolar, e ele organiza estes conteúdos. Neste momento é preciso que a avaliação seja dialógica, o avaliador deve questionar o avaliando, este fornecerá respostas certas ou erradas, e neste momento o avaliador solicitará que o avaliando explique (justifique) sua resposta. Agindo assim o avaliador estará tomando conhecimento de como o sujeito aprendiz organiza os conteúdos escolares.

De acordo com Lopes (2008) no que tange o aspecto cognitivo é preciso avaliar como está o desenvolvimento cognitivo do sujeito aprendiz, seja ele criança, adolescente ou adulto. Lembrando que no caso de crianças espera-se que estejam no estágio de desenvolvimento pré-operatório passando para o operatório-concreto, e que adolescentes e adultos já se encontrem no estágio das operações-formais.

Por fim deve-se considerar o aspecto afetivo social no processo de avaliação, o que engloba: vínculo aprendizagem formal e relações interpessoais, estas relações na escola se processam com os colegas e o professor, assim como na família se processam com irmãos, irmãs, pai, mãe e outros parentes. Em psicopedagogia é possível avaliar aspectos sociais e afetivos por meio das provas projetivas.

3.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS – A CONCLUSÃO DIAGNÓSTICA

Aqui se reúnem todos os resultados obtidos no processo avaliativo: a queixa da família, a queixa da escola, resultados obtidos nas seções avaliativas. Uma vez reunidos estes dados se elabora uma síntese dos mesmos, acrescentando possíveis medidas de intervenção. Feito isto temos a “conclusão diagnóstica”, ou “hipótese diagnóstica”, essa diferença de nomenclatura pode variar de autor para autor.

Uma vez organizada a conclusão diagnóstica é o momento de realizar a devolutiva, que consiste em dar um retorno a família e a escola acerca dos resultados obtidos ao longo das seções avaliativas, bem como propõe medidas de intervenção. Deve-se, no entanto realizar a devolutiva em reuniões diferenciadas, uma para a família e outra para a escola, e por fim pedir autorização por escrito para realizar as intervenções propostas, vista que a família pode discordar do diagnóstico proposto.

Opta-se por expor especificamente com as avaliações da psicopedagogia clínica, pois e está age diretamente sobre o sujeito aprendiz, diferencia-se assim de outras formas de avaliação, seja da psicopedagogia institucional ou de outras áreas do conhecimento, a abordagem será sucinta, e não abrange todas as formas de avaliação existentes em psicopedagogia.

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A.), forma de avaliação Proposta por Jorge Visca possui profunda contribuição de Piaget e em seu método clínico, pois, não são aplicados testes de Quociente de Inteligência (Q.I.) convencionais para posterior correção, ao contrário toda avaliação é intermediada e dialogada por um avaliador (o psicopedagogo), que deverá solicitar ao avaliando (criança) determinadas atividades, o que se chama de consignas, mediante as repostas que podem ser corretas ou erradas o avaliador pede ao avaliando que justifique sua resposta. Tal empreendimento quando bem aplicado permite identificar estruturas cognitivas que o sujeito aprendiz já desenvolveu.

INRC - Esta prova pode ser aplicada com adolescentes e adultos, e, estará avaliando o nível de desenvolvimento das operações formais, ao mencionar-se operações formais estar-se abordando um grupo de estruturas e operações denominadas I.N.R.C. (Operação Idêntica; Operação negativa ou Nula; Operação Recíproca; Operação Correlata).

PROVAS PROJETIVAS PSICOPEDAGÓGICA – Esta prova destina-se à avaliar os aspectos afetivos, em geral solicita-se desenhos, Grassi (2006) sugere que nesta prova o desenho em si não é o único ponto a ser analisado, o modo como se produz o desenho também deve ser alvo de análise, assim o avaliador precisa estar próximo ao sujeito aprendiz observando sua produção, e questionando quando necessário acerca dos significados em cada desenho. Pode-se pedir nesta prova os seguintes temas para desenho: eu e minha família; eu na escola; eu e meus colegas; alguém que ensina e alguém que aprende; momentos do dia (esta última folha pode ser dobrada em 4 ou 6 partes, e cada parte pode ser destinada a um momento).

3.6 OFICINAS PSICOPEDAGÓGICAS, UMA VIA DE INTERVENÇÃO

Como conceitua Grassi (2006), Oficinas psicopedagógicas são espaços onde “aprendente” e “ensinante” estabelecem vínculos afetivos para juntos construírem o conhecimento. O espaço de realização de uma oficina deve ser lúdico o que requer uma reflexão acerca do ato de brincar, haja vista que como fenômeno sociológico a brincadeira insere a criança na sociedade, é através da brincadeira que a criança desenvolve valores, crenças, normas, leis, regras, hábitos, costumes, histórias e princípios. O objetivo da Oficina não é a brincadeira pela brincadeira, mas a brincadeira como estratégia viabilizadora da construção do conhecimento, assim uma oficina psicopedagógica pode envolver: jogos; histórias de aventuras, fictícias, reais; contos de fadas; mitos; fábulas e lendas; dramatizações; música; canto e dança.

Em psicopedagogia uma oficina destina-se a ação preventiva / terapêutica, ou seja, impede que as dificuldades de aprendizagem se instalem, ou propicia medidas corretivas quando já instaladas no sujeito conforme aponta Grassi (2004 p. 8 e 12). Como as ações educativas, desenvolvidas neste espaço, são intencionais devem ser mediadas, assim há troca de experiências entre um sujeito que ensina e um ou mais que aprendem.

Uma boa ação terapêutica requer um bom diagnóstico. Neste sentido pode haver um ou mais encontros com os sujeitos alvo das oficinas (crianças, adolescentes ou adultos), antes das oficinas propriamente ditas. Entretanto Lopes ressalta que o ideal para um diagnóstico é de 10 a 12 seções avaliativas, e aponta entre os vários recursos. Convém neste tópico não estar confundindo Diagnóstico com a intervenção psicopedagógica.

3.7 AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

A avaliação psicopedagógica institucional diferencia-se da avaliação clínica por se ocupar dos sujeitos institucionais, ao passo que a segunda se ocupa dos sujeitos aprendizes como foi abordado anteriormente. Na psicopedagogia institucional ao se elencar como eixo do trabalho o assessoramento escolar, ainda que sob a perspectiva de avaliador externo, fixa um leque de atuação muito abrangente, que vai além dos aspectos afetivos - cognitivo-psicológicos frisados pela atuação Clínica. Goulart (2005) afirma

que o eixo avaliativo institucional visa também aspectos sócio-político-econômicos, neste são abordadas questões acerca: da organização administrativa da escola; acerca do currículo; acerca do PPP; acerca das relações interpessoais na escola. Neste sentido sugere-se que a avaliação siga algumas orientações estabelecidas.

Nesta forma de atuação psicopedagógica utilizar-se-á instrumentos de avaliação qualitativos, oriundos das ciências humanas. Assim sugere-se a análise documental, entrevistas, e pesquisa etnográfica como aporte para os instrumentos de pesquisa, lembrando que estes se constituem em metodologias de pesquisa, ou recursos metodológicos de pesquisa científica, e por tanto quanto mais sólida for à formação do psicopedagogo e mais rica for sua leitura em epistemologia mais eficiente será sua avaliação.

Ao se mencionar análise documental é preciso recordar os documentos que direcionam a prática escolar, que podem ser: Projeto Político Pedagógico; Plano de Desenvolvimento Escolar; Plano Anual de Curso, elaborado pelo(a) professor(a). Estes documentos constituem referenciais que em algum momento foram adotados pela escola, e o desvio destes constitui um ponto problemático. Já ao se utilizar as entrevistas como instrumentos formais de avaliação faz-se necessário adotar um referencial teórico epistemológico, neste momento sugere-se a Fenomenologia, cuja aponta três formas bem distinta de entrevistas: Aberta, Semiaberta, Fechada. A adoção por uma ou outra pode variar de acordo com os objetivos avaliativos.

Quanto a pesquisa Etnográfica esta possui um critério de pesquisa qualitativa que se deve observar: A pesquisa etnográfica envolve de 1 a 2 anos de trabalho de campo, pelo menos. Neste sentido fica inviável utilizar a etnografia como método, contudo há algumas orientações etnográficas que se fazem proveitosas: a ida ao campo de pesquisa, o olhar etnográfico envolvido pelo estranhamento, o diário de campo, e a descrição densa.

É preciso ressaltar que estes instrumentos aqui sugeridos podem ser acompanhados de outros instrumentos, ou mesmo substituídos, quando se fizer necessário. Por exemplo: ferramentas estatísticas quando bem empregadas constituem-se em ótimos indicadores.

Quanto à intervenção Institucional o psicopedagogo deve estar ciente que ao propor mudanças estará afetando a instituição como um todo, mesmo que a alteração seja localizada, em uma sala, por exemplo, pois se muda rotinas e são discutidos por professores e demais profissionais. No entanto deve haver um olhar positivo sobre as mudanças, pois esta é a oportunidade de mudar o que está disfuncional na escola. Como proposta de intervenção sugere-se a dinâmica de projetos, pois formaliza as ações a serem desenvolvidas e leva os sujeitos envolvidos a questionarem o fazer teórico e prático em busca de soluções.

Na Psicopedagogia institucional os projetos tanto podem estar voltados para os alunos, como para escola quando o projeto está voltado para o aluno às ações irão recair sobre os processos de ensino aprendizagem. Em geral parte-se da queixa de um ou mais alunos com dificuldades, neste caso não se deve

limitar a análise de porque o aluno não aprende neste momento o aluno é um ser cognitivo e social, que está inserido em um contexto maior, ou seja, escolar, familiar e interpessoal. Assim há algumas orientações: a) Ouvir atentamente a queixa para além da queixa, atento ao vocabulário e expressões (físicas) utilizadas pelos educadores; b) ouvir o aluno, não somente conversar com ele, mas aplicar testes da Psicopedagogia Clínica; c) ouvir os pais, aqui se aplica a técnica da anamnese, tomando-se cuidado com vocabulário utilizado na conversa com os pais. Após estes três primeiros passos é presumível a elaboração de projetos para atuar com os alunos, podendo ser projetos individuais ou em grupo.

Por fim, visualizam-se os projetos voltados para a escola. Estes implicam necessariamente: na avaliação da estrutura organizacional da instituição; em conhecer seu entrono, a comunidade onde está inserida e; no assessoramento psicopedagógico em busca da correção de possíveis disfunções na escola. Como bem ressalta Goulart (2005), por vezes estes projetos se debruçam sobre problemas não de ordem de aprendizagem do conteúdo escolar, mas que afetam a escola como um todo. Neste sentido se fazem necessários projetos que mudem, aperfeiçoem pontos disfuncionais na escola, seja: o currículo; a metodologia; divisão de horários; relações interpessoais (professo/aluno; professor/coordenação). Neste quesito se faz uma ressalva o projeto não pode vir pronto e acabado, devem ser construídos na escola, junto com os professores, coordenadores e diretor.

3.8 FATORES EMOCIONAIS E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Em linhas gerais a maioria das pesquisas que abordam dificuldades de aprendizagem envolvem fatores emocionais. Assim são duas as vertentes que figuram neste ramo: a) defende que crianças com dificuldades em aprender possuem fatores emocionais como causa; b) defende que crianças que apresentam dificuldades escolares, seja por razões pedagógicas ou de outra ordem, acabam tendo problemas emocionais como consequência. Na primeira vertente observa-se que os sujeitos, cujo, fatores emocionais intervêm negativamente na aprendizagem, apresentam agressividade e/ou apatia e/ou tolerância a agressão. Monrõe expõe uma lista de possíveis causas dos distúrbios emocionais:

- 1 – Os pais superprotegem a criança criando uma relação de dependência dela com os adultos, o que transforma a aprendizagem numa tarefa impossível de ser realizada sozinha.
- 2 – O processo de aprendizagem exige padrões fixos e sistemáticos de comportamento para que as tarefas escolares sejam cumpridas. Crianças com dificuldades em aceitar limites poderão ter problemas para se adaptarem ao sistema educacional.
- 3 – Exigências sociais (escolares e de pais) para que a criança realize as funções simbólicas de ler e escrever antes que tenha condições físicas, emocionais e cognitivas para fazê-lo. Estas exigências podem desenvolver sentimentos de fracasso e ressentimentos que impedem o processo normal de aprendizagem. (MONRÕE apud MORAIS, 2006, p. 72)

Assim como dos principais distúrbios da aprendizagem. Não deverá ser deixada de lado a relação dificuldades de aprendizagem com os métodos de ensino, pois, não raro o problema estará na metodologia empregada em sala de aula, e ainda que o docente se utilize de métodos e técnicas coerentes de ensino

deverá ser estudada em lócus a didática ministrada, pois certos indivíduos deverão ter atenção especial na metodologia aplicada. Para uma rápida discussão acerca dos métodos de ensino, tomar-se-á a seguinte citação:

A via fonológica é mais lenta que a via direta já que o processo requerido é muito mais extenso até chegamos a reconhecer a palavra, no entanto, não é menos importante e, inclusive, podemos afirmar que os estágios iniciais da aprendizagem da leitura dependem da consciência fonológica. A rota visual ou direta ou léxica - É uma rota global e muito rápida já que nos permite o reconhecimento global da palavra e sua pronúncia imediata sem necessidade de analisar os signos (significante e significado) que a compõem. (MENDONÇA, 2010, p.7)

Basicamente são três grandes vertentes nos métodos de ensino: Métodos sintéticos, Método analíticos, Métodos Ecléticos conforme aponta Morais (2006). Sujeitos que apresentam Dislexia serão bem alfabetizados por métodos sintéticos, também denominados por palavração, silábicos, ABC, pois partem da sílaba e letras no processo de alfabetização, aqui o sujeito que tem dislexia observará a palavra em suas unidades mínimas podendo usá-las na construção de novas palavras.

Os mesmos sujeitos que apresentam dislexia já terão uma alfabetização penosa se alfabetizados, pelos métodos analíticos, também denominados globais, método da frase, pois a menor unidade usada será a frase, ou parágrafo, assim o sujeito deverá construir seu conhecimento observando textos em sua totalidade, e eis aqui o grande paradoxo, pois na dislexia o sujeito tem dificuldade redobra da na construção da leitura e escrita.

Os métodos ecléticos são uma fusão dos métodos sintéticos e analíticos, uma alternativa viável no contexto escolar, todavia nem todas as técnicas do método eclético são bem vindas na terapia, pois o processo de intervenção requer uma análise do estado de prontidão, das habilidades já desenvolvidas pelo sujeito, para daí elaborar “exercícios” que visem recuperar o processo de aprendizagem salutar e, prazeroso.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa demonstrou que o psicopedagogo desempenha um papel fundamental na identificação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem, tanto em nível clínico quanto institucional. Ao realizar diagnósticos precisos e elaborar intervenções personalizadas, o psicopedagogo contribui significativamente para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Para atuação clínica o psicopedagogo lançará mão de vários meios de diagnóstico, ao longo deste trabalho abordaram-se três instrumentos: A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (E.O.C.A) com intuito de permitir ao profissional construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida e de forma experimental conforme Lopes (2008); o I.N.R.C, Verifica o desenvolvimento das operações formais, que são: Operação Idêntica, Operação Nula, Operação Recíproca, Operação Correlata; e por fim Provas Projetivas Psicopedagógica, que consiste na tomada de desenhos para averiguar questões afetivas, pois,

“por meio do desenho, o sujeito exprime sentimentos e revela atitudes concernentes ao seu desenvolvimento” (LOPES, 2008, p 28).

A análise dos instrumentos de diagnóstico utilizados, como a EOCA, o INRC e as provas projetivas, revelou a importância de uma avaliação abrangente que considere os aspectos cognitivos, emocionais e sociais do aprendiz. As oficinas psicopedagógicas se mostraram como uma ferramenta eficaz para a prevenção e remediação das dificuldades de aprendizagem, promovendo a autonomia e o desenvolvimento integral do sujeito.

A atuação multidisciplinar do psicopedagogo, em conjunto com outros profissionais da educação, é essencial para garantir o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Ao trabalhar em parceria com professores, psicólogos, fonoaudiólogos e outros especialistas, o psicopedagogo pode oferecer um atendimento mais completo e eficaz aos alunos com dificuldades de aprendizagem.

Os resultados desta pesquisa evidenciam a necessidade de investir na formação continuada de psicopedagogos e na implementação de políticas públicas que promovam a inclusão escolar e o atendimento especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais. Além disso, sugerem a realização de novas pesquisas para aprofundar o conhecimento sobre as diferentes abordagens psicopedagógicas e sua efetividade na superação das dificuldades de aprendizagem. Contudo, o psicopedagogo tem como foco uma tarefa multidisciplinar em busca de diagnóstico e propostas de intervenção na melhoria do processo de ensino aprendizagem, porém compreender.

REFERÊNCIAS

- GRASSI, Tania Mara. Psicopedagogia: Contextualização. Curitiba, 18 de novembro 2006. Faculdade internacional de curitiba.
- . Oficinas Psicopedagógicas. Curitiba: IBPEX, 2004.
- GOULART, Íris Barbosa. Piaget : Experiências Básicas para utilização para utilização pelo professor. 21^a ed. Ver. – Petrópolis; FJ :VOZES, 2005.
- LAKOMY, Ana Maria. Teorias Cognitivas da Aprendizagem. – Curitiba : IBPEX, 2003.
- LOPES, Shiderlene Vieira de Almeida. O Processo de Avaliação e intervenção em Psicopedagogia. Curitiba: IBPEX, 2008.
- MARTINS, Mara Rubia Rodrigues. Psicopedagogia: A solução para os problemas de aprendizagem. Disponível em <www.grupouniter.com.br> . Acesso em 20 de dezembro de 2006.
- MENDONÇA, Edinalva Sidronêz de. Estudo das Dificuldades de Aprendizagem na Leitura e Escrita no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental no Município de Lagoa Salgada - RN. Disponível em <http://webserver.falnatal.com.br/revista_nova/a5_v1/artigo_2.pdf> acessado na data de 29-06-2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo-SP: Hucitec, 2014.
- MORAIS, António Manuel Pamplona. Distúrbios da aprendizagem: Uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: EDICON, 12^a ed., 2006.